



Edson Chagas

ESPERANÇA

Aos 15 anos, a filha da dona-de-casa Sonia Pinheiro Alves foi assassinada com dois tiros, em 2002. Ela estava grávida de quatro meses e um ex-namorado é suspeito do crime. A mãe acredita que a Justiça vai vencer a impunidade

Mortes violentas crescem 41%

Estudo mostra que homicídios (60,83%), acidentes de trânsito (18,81%) e atropelamentos (7,75%) são as principais causas entre vítimas fatais que têm entre 18 e 34 anos

PAULO MARIO MARTINS E DÓRIO VICTOR

Nos últimos sete anos, o Espírito Santo registra em sua história índices de violência que não dão orgulho a ninguém. O número de mortes violentas no Estado aumentou 41%, conforme mostra um estudo feito pelo Instituto de Apoio à Pesquisa e ao Desenvolvimento Jones dos Santos Neves (Ipes) a partir de informações das polícias Civil e Militar e do Sistema Único de Saúde (SUS).

peito do crime é um ex-namorado da jovem. "Mataram minha filha e um neto meu. Sinto muita falta da Cláudia, choro por ela. Ela era uma menina muito boa. Tinha muita vida pela frente ainda. Mesmo com o passar do tempo, ainda não consigo me conformar

retrato fiel da situação. "Temos que levar em conta que, até 1999, a Polícia Civil tinha estatísticas muito frágeis, principalmente nas delegacias do interior. Então, pode ser que os índices tenham crescido não porque as ocorrências aumentaram, mas porque

"Ausência de política pública na área de segurança, violência doméstica, desestruturação das instituições públicas, a atuação do crime organizado, precariedade no número de profissionais para esse setor. E esse conjunto de fatores leva à impunidade, que alimenta a continuidade dessas mortes", analisa.

Esperança

A esperança de que a impunidade pode ser

Nos últimos sete anos, o Espírito Santo registra em sua história índices de violência que não dão orgulho a ninguém. O número de mortes violentas no Estado aumentou 41%, conforme mostra um estudo feito pelo Instituto de Apoio à Pesquisa e ao Desenvolvimento Jones dos Santos Neves (Ipes) a partir de informações das polícias Civil e Militar e do Sistema Único de Saúde (SUS).

Os homicídios são responsáveis por 60,83% das vidas que foram ceifadas. Em segundo lugar, vêm os acidentes de trânsito (18,81%) e em seguida os atropelamentos (7,75%). A faixa etária das vítimas varia de 18 a 34 anos.

A dona-de-casa Sonia Pinheiro Alves, 38 anos, revela a dor existente por trás da frieza das estatísticas. Em junho de 2002, a filha dela, que tinha 15 anos e estava grávida de quatro meses, foi assassinada com dois tiros. O sus-

peito do crime é um ex-namorado da jovem.

“Mataram minha filha e um neto meu. Sinto muita falta da Cláudia, choro por ela. Ela era uma menina muito boa. Tinha muita vida pela frente ainda. Mesmo com o passar do tempo, ainda não consigo me conformar com o que aconteceu”, desabafa.

Impunidade

Aceitar a situação não é mesmo tarefa fácil. Ainda mais quando observados os dados do Ipes relativos ao período de 1997 a 2003 no interior do Estado. O estudo aponta que a escalada da morte atinge níveis assustadores: um acréscimo de 413%. Na Grande Vitória, esse índice diminuiu apenas 2%.

A técnica do Ipes, Heloires Lopes Nogueira, pondera que os números não são um

retrato fiel da situação. “Temos que levar em conta que, até 1999, a Polícia Civil tinha estatísticas muito frágeis, principalmente nas delegacias do interior. Então, pode ser que os índices tenham crescido não porque as ocorrências aumentaram, mas porque compraram computadores e foi sendo iniciado um trabalho estatístico”, observa.

Procurada por meio de sua assessoria de imprensa, a Secretaria de Estado da Segurança Pública não se manifestou sobre o levantamento do Ipes.

Estudiosa do assunto, a doutora em Serviço Social Eugênia Raizer, do Núcleo de Estudos da Violência, Segurança Pública e Direitos Humanos da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), acredita que a violência no Estado se deve a um conjunto de fatores.

“Ausência de política pública na área de segurança, violência doméstica, desestruturação das instituições públicas, a atuação do crime organizado, precariedade no número de profissionais para esse setor. E esse conjunto de fatores leva à impunidade, que alimenta a continuidade dessas mortes”, analisa.

Esperança

A esperança de que a impunidade pode ser vencida, que dá sustento para que quem perdeu alguém pela brutalidade da violência ainda acredite que a Justiça possa prevalecer.

“Só uma pessoa foi presa e os assassinos da minha filha eram quatro. Mas eles vão pagar pelo que aconteceu. Eu ainda confio na Justiça. Não vai ficar assim não”, assegura Sonia Alves.

A aposta da mãe de Cláudia é a esperança de que a impunidade seja exterminada. Mas um extermínio que tenha como arma a Justiça.

Serra lidera ranking de assassinatos

Apesar de demonstrar nos últimos anos uma queda de 8% no número de homicídios, o município da Serra ainda lidera o ranking de crimes violentos em toda a Grande Vitória.

Segundo dados da Polícia Civil, nos anos de 2002 e 2003, o município apresentou um total de 826 homicídios. Isso representa 144 mortes a mais que o segundo município mais violento da Grande Vitória, Cariacica, que apresentou no mesmo período 682 homicídios.

Um dos fatores que promovem este alto índice de violência é a falta de um policiamento efetivo em todo o município, segundo explicou o secretário de Direitos Humanos e Cidadania do município, Givaldo Vieira.

“A Serra possui uma grande extensão territorial e, para fazer o policiamento de toda a região, precisaríamos de mais policiais efetivos. Outros municípios da Grande Vitória, como Vila Velha, Cariacica e a própria Capital, possuem mais policiais, se compararmos o tamanho destas cidades com o número de policiais”, contou.

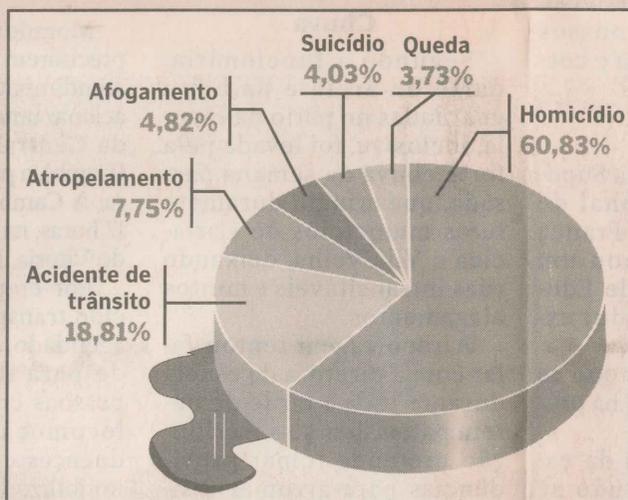
Falta de efetivo

Além da falta de policiamento, Vieira também apontou a impunidade como um dos principais fatores da violência na região. “São poucos policiais civis para investigarem os inquéritos policiais do município. A cada ano, são cerca de 400 novos processos, que vão se acumulando nas delegacias por falta de policiais que façam as investigações”, explicou.

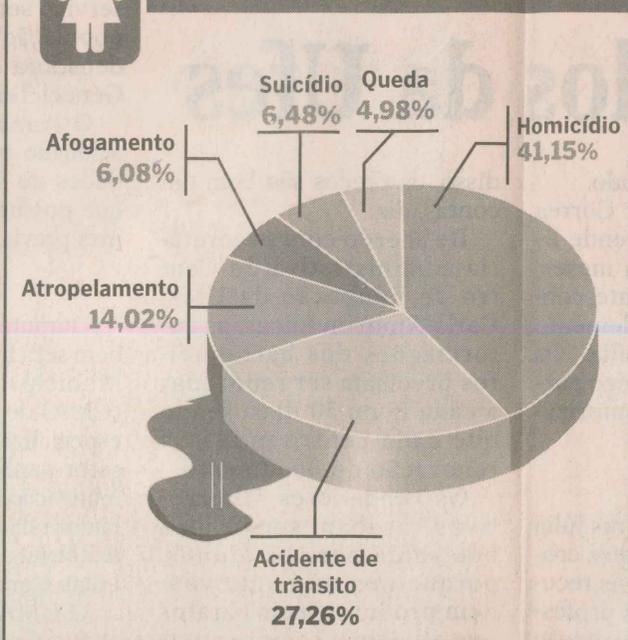
Para tentar coibir a criminalidade na região, a prefeitura doou 17 veículos, cinco motocicletas e 34 bicicletas para o 6º Batalhão da Polícia Militar, localizado na região. Além disso, segundo o secretário, foram destinados cerca de R\$ 91 mil por mês ao batalhão para pagar horas extras aos policiais militares.

Raio-X da violência

O número de mortes violentas no Estado cresceu 41% nos últimos sete anos. A maioria das vítimas tem entre 18 e 24 anos



Mortes violentas contra mulheres



Fonte: Ipes

Escalada da morte na Grande Vitória



1 Cariacica	2002 - 435	2003 - 420
2 Fundão	2002 - 29	2003 - 24
3 Guarapari	2002 - 113	2003 - 83
4 Serra	2002 - 578	2003 - 532
5 Viana	2002 - 66	2003 - 96
6 Vila Velha	2002 - 343	2003 - 374
7 Vitória	2002 - 320	2003 - 257

Gilson/A Gazeta/Ed. de Arte

Mulheres viram alvos freqüentes

As mulheres não são as principais vítimas de mortes violentas, mas cada vez mais elas se tornam alvo. O estudo do Ipes revela que nos últimos sete anos aumentou em 66,8% o número de óbitos entre pessoas do sexo feminino.

Por outro lado, as estatísticas mostram que de 2002 para 2003 houve uma redução de 9,3% nesse índice em todo o Estado. “A mulher está cansada de dar a outra face. Está até mais violenta. E as denúncias contra agressores vêm aumentando”, afirma a titular da Delegacia da Mulher de Vitória, Vera Angela Montes.

A doutora em Serviço Social, Eugênia Raizer, do Núcleo de Estudos da Violência, Segurança Pública e Direitos Humanos da Ufes, aponta que a mulher está mais corajosa. “Ela está mais corajosa para denunciar. E acho que está ligado ao próprio aumento da condição de cidadã que as mulheres vêm paulatinamente conquistando. Mas, a diminuição desse índice ainda é insuficiente”, pondera.

Assassinatos

O homicídio é a principal forma de morte entre as mulheres: representa 41,15% dos registros. Os acidentes de trânsito são responsáveis por 27,26% das mortes violentas. Em seguida aparece o atropelamento, que responde por 14,02%.

“Para mudar esse quadro, acho que é preciso uma política de segurança como política pública. Além disso, é importante minimizar as questões estruturais, a desigualdade social e, principalmente, a reforma do ponto de vista ético das instituições. No âmbito da família, é preciso mudar a cultura da violência. No grupo intrafamiliar, é preciso reconstruir um novo pacto civilizatório que tenha como pressuposto a paz, contraponto a essa situação de caos”, sugere Eugênia.